



Marantz KI Pearl

A sustentável consistência e saber de uma vida dedicada à alta-fidelidade!

Na página dedicada a estes dois carismáticos equipamentos da Marantz, Ken Ishiwata diz que, para ele, muito mais que noutros sentidos, tais como definição, timbre, imagem, resposta a transientes e outras qualificações, o desempenho de um sistema tem tudo a ver com emoção.

Esta afirmação foi emitida em 1979, e é exactamente como resultado de um profundo envolvimento de um pouco mais de 30 anos com a Marantz que o amplificador e o leitor de CD/SACD KI Pearl foram lançados.

Ken Ishiwata é neste momento um dos nomes mais destacados do mundo da alta-fidelidade, graças a um percurso de quase uma vida inteira dedicada ao desenvolvimento de equipamentos para reprodução de música.

Conheci Ken quase na mesma altura em que consegui comprar o transporte de CD's/conversor Marantz CD12, ainda hoje um clássico e que continua comigo, depois de algumas (pequenas) modificações e uma reparação no sistema de transporte. Já

lá vão mais de 20 anos, quase 21, mas desde essa altura temos mantido uma relação de franca amizade, que vê os seus laços renovados sempre que nos encontramos algures por este mundo. Como sempre disse, um equipamento de áudio reflecte

muito do seu criador e do seu feito calmo e sereno, e é por isso que me parece ser sempre possível rever o espírito profundo e introspectivo de Ken em vários dos seus equipamentos. Aliás, ao contrário do que outros já têm dito, eu acho que, um pouco como um escultor que afirma que não é mais que aquele que desvenda o que está dentro de um bloco de pedra, Ken identifica os equipamentos que têm aquele *je ne sais quoi*, melhora-os e apõe-lhes a sua «KI Signature». Aconteceu assim por diversas vezes ao longo destes trinta anos e todos esses equipamentos foram rapidamente alvo da cobiça dos apreciadores de música, embora num caso ou noutro, como aconteceu com o CD12, fossem edições limitadas. Mas o CD12 foi desenvolvido de raiz para ser o supra-sumo da reprodução de CD's por muitos anos. Normalmente o que acontece é Ken Ishiwata pegar num equipamento e conseguir transformá-lo não numa versão apenas *tuning*, como se faz em alguns carros, mas redesenhá-lo assim como, por exemplo, a Fiat transformou o Fiat 500 normal num Fiat 500 Abarth.

O primeiro contacto de Ken com a Marantz deu-se talvez por volta dos seus 16... 17 anos, sob a forma de um pré-amplificador 7C, propriedade do pai dum amigo seu de escola. E foi ao construir uma cópia desse prévio, já que estava totalmente fora de questão arranjar o dinheiro para o comprar, que Ken aprendeu que a qualidade dos componentes utilizados tinha uma influência profunda no desempenho sónico de um equipamento electrónico – aconteceu que o som do equipamento copiado pouco tinha a ver com aquele de que Ken se lem-



brava, e a troca de componentes a que ele posteriormente procedeu mostrou-lhe quão profundamente o som mudava sempre que mudava uma resistência, um condensador ou mesmo uma válvula.

Trinta anos de dedicação a uma causa e uma marca trazem consigo uma assinalável bagagem de conhecimento, e é por isso que Ken tem hoje o título de Embaixador da Marantz, uma posição que, depois de Saul Marantz, ninguém poderia ocupar com mais justiça.

E como chegou Ken Ishiwata, nascido no Japão e tendo frequentado escolas japonesas, à Europa? Bem, acontece que o primeiro emprego de Ken foi na Pioneer, que na altura necessitava de um engenheiro na Europa para acompanhar um dos seus

produtos, penso que um gravador de bobinas. Aí esteve durante alguns anos mas, terminado este «tirocínio», Ken resolveu que não queria voltar para o Japão e foi assim que acabou por ser contratado pela Marantz, na altura nas mãos da Superscope, mas agora para voltar para o Japão para acompanhar a produção de amplificadores. Daí passou para o projecto de colunas fabricadas de acordo com o gosto europeu, quase ao mesmo tempo que a Marantz era comprada pela Philips, tendo assim regressado novamente à Europa. Esta aquisição possibilitou a Ken o contacto com os engenheiros da área digital da Philips, e daí terem começado a aparecer os primeiros KI Signature na área dos leitores de CD's, mais exactamente o Marantz CD45 LE. Aliás, chegado aqui vale a pena contar rapidamente a história em volta desta primeira incursão de Ken Ishiwata pela modificação de equipamentos de série: o departamento de leitores de CD's da Marantz tinha um resto de *stock*, cerca de 2000 exemplares, do modelo CD45 e a ideia era colocá-los no mercado a preço de saldo. Tendo tomado conhecimento disso, Ken propôs que lhe cedessem um desses equipamentos para ele o modificar e ver o que conseguia melhorar nele. As modificações foram feitas, e os CD45, com a referência CD45 LE, colocados no mercado britânico esgotaram-se em duas semanas! A partir daí foi um nunca acabar de versões especiais, vendidas com o acréscimo das letras SE, LE ou KI Signature em casos especiais – quem não se lembra do carismático CD94? Mas não são versões quaisquer, tipo um modificador de vão de escada que muda uma resistência ou um condensador. São o



Ken Ishiwata,
embaixador de marca da Marantz.

TESTE Marantz KI Pearl



resultado de muitos anos de experiência de projecto em electrónica, modificações feitas de origem na linha de produção, aprovadas pelo projectista, com o intuito de transformar um produto já de si de excelente qualidade noutra que tem um desempenho sónico superior.

E, na sequência de um percurso tão ilustre, que melhor ficaria a um homem como Ken Ishiwata que um par de equipamentos, fabricados em edição limitada, como seria de esperar, e que concentram em si toda a sabedoria de um verdadeiro mago da electrónica? Desde o momento em que foram anunciados, os KI Pearl, raros como as pérolas negras, fabricados num número limite de 500 unidades, criaram uma lista de encomendas que faz lembrar os tempos áureos da alta-fidelidade, quando quem queria um determinado equipamento especial tinha que inscrever-se numa lista, por vezes pagar um sinal e depois esperar

um tempinho bem longo para que este lhe fosse entregue. Os 25 iniciais que vieram para a Videoacústica, uma percentagem bem significativa do total, desapareceram num ápice e neste momento todos os esforços estão a ser feitos para se conseguirem mais alguns. E vamos já saber por que razão tal aconteceu.

Descrição técnica

As duas pérolas negras da Marantz devem a sua designação ao acabamento negro acetinado pouco vulgar, sendo mesmo a primeira vez que este tipo de acabamento é utilizado na Marantz. Ao mesmo tempo, outro pormenor que os destaca é que não têm qualquer indicação numérica no painel frontal: são apenas o amplificador PM-KI e o leitor de CD/SACD SA-KI.

Mas por dentro é que temos as verdadeiras razões para os Pearl soarem como soam, e é sobre a sua estrutura que me vou de-

bruçar um pouco agora. Começo pelo peso, de cerca de 15 kg para o SA-KI e de 20 kg para o PM-KI, sinal de que dentro temos «sumo» mais que suficiente para vitaminar um desempenho inspirado. A categoria KI está certificada em ambos os Pearl através de duas chapas prateadas contendo a assinatura de Ken e colocadas por cima do espesso painel frontal construído a partir de um bloco sólido de alumínio. Ao mesmo tempo, ambos os painéis frontais ostentam algo que se parece com um pequeno pino colorido, com a indicação KI Signature 30th, para que ninguém se esqueça da razão porque foram criados os Pearl.

O amplificador PM-KI ostenta no centro do seu painel frontal um inspirado mostrador que começou por ser utilizado pela Marantz, se bem me lembro, no amplificador de potência a válvulas Project T1, um revivalismo dos primeiros tempos da marca que foi lançado no início da década anterior. Mais tarde apareceu noutros produtos, tais como o PM-17 KI, sempre sob a forma analógica, mas aqui apenas o espelho frontal lembra esse primeiro vuímetro, já que neste caso temos por detrás do vidro frontal um mostrador de matriz de pontos que indica num tom verde, de luminosidade ajustável, quer a fonte seleccionada quer o nível de volume. Dois grandes controlos circulares, um para o volume e outro para a selecção da fonte, encham as zonas laterais do painel frontal, complementados por duas filas verticais de teclas ao seu lado. Para além do inevitável interruptor de alimentação, cuja actuação faz acender um *led* azul bem brilhante, é interessante destacar a presença de dois minúsculos botões rotativos que funcionam como controlos de tonalidade para graves e agudos, algo que não é muito comum num am-





plificador audiófilo, embora seja possível cancelar o efeito de equalização colocando cada um dos potenciômetros na posição central. Não falta mesmo uma saída *jack* de ¼ de polegada para auscultadores, presente nos dois equipamentos, esta sim fundamental nos dias que correm, em que cada vez mais pessoas utilizam auscultadores de qualidade e em que não existem assim tantos bons amplificadores dedicados para este fim. Posso, aliás, confirmar que os circuitos que estão por detrás destas saídas são de muito alta qualidade pois, ensaiados brevemente com os magníficos Sennheiser HD800, propiciaram-me momentos bem marcantes de audição musical, com um som transparente, seguro, de graves sólidos e excelente definição de detalhes. Primeiros pontos para Ken Ishiwata. Destaco igualmente a possibilidade de a secção de potência poder ser excitada directamente por um prévio exterior ou por uma fonte com controlo de volume.

Na parte traseira destacam-se os quatro terminais WBT, de qualidade inquestionável, embora desse jeito que fossem mais generosos em termos do tipo de forquilhas que aceitam, pois as WBT de prata dos Kimber Select não encaixam no terminal central, por este ser demasiado largo. As entradas de sinal são todas do tipo *single-ended*, o mesmo acontecendo em relação à saída analógica do SA-KI. Seguramente foi uma opção meditada de Ken, embora não deixe de achar que a ligação balanceada permite explorar ainda um pouco mais as capacidades de um sistema de áudio.

No interior do amplificador pontua um volumoso transformador toroidal blindado por metal não magnético, de potência bem acima daquilo que seria necessário para os

140 W sobre 4 Ohm especificados (90 W sobre 8 Ohm). Dois volumosos dissipadores colocados centralmente contribuem de modo bem evidente para o peso final.

Os circuitos activos de amplificação são maioritariamente do tipo discreto, com especial referência para os módulos HDMA-SA3, patenteados pela Marantz, inseridos na entrada de CD directo.

No painel frontal do SA-KI destacam-se, para além do mostrador central, encimado pela gaveta de transporte, a tecla que permite seleccionar a camada CD ou SACD de um disco híbrido, e ainda a que possibilita a selecção de uma fonte digital exterior para ser convertida internamente. Aqui neste ponto Ken não fez nenhuma concessão à ligação exterior por USB e muito bem, quanto a mim, pois ainda não vi nenhuma ligação USB que estivesse ao nível de uma entrada digital coaxial.

Retirada a tampa superior de alumínio de 5 mm de espessura, a qual encaixa de modo preciso através de uma solução bastante engenhosa, o acto de abrir o SA-KI é uma verdadeira festa para os olhos: chassis interno cobreado, transporte CD/SACD do tipo SACDM-10, de estrutura extremamente sólida, transformador de alimentação com blindagem de cobre, amplos circuitos impressos a ocuparem quase todo o fundo do chassis. Em termos de componentes, novamente posso destacar um conjunto de gulseimas, tais como regulação de tensão local por reguladores discretos, profusão de condensadores Elna, incluindo na versão Silmic, blindagens verticais de cobre entre circuitos, andar de saída analógico totalmente discreto de configuração HDMA-SA2 – aqui se vê que Ken não se poupou a esforços para garantir que a qualidade de construção destes Pearl estaria para além de qualquer eventual crítica. A conversão de sinais SACD faz-se no domínio DSD, como





não podia deixar de ser, e está por conta do Crystal CS54938, o qual integra no seu interior dois tipos de conversores: um do tipo Delta-Sigma, com 120 dB de gama dinâmica e -107 dB de distorção harmónica+ruído, dedicado ao fluxo DSD do SACD; outro do tipo PCM/Multibit, com frequências de amostragem até 192 kHz e resolução até 24 bit. Temos aqui um excelente componente, muito bem conceituado nos meios audiófilos e que ainda por cima contém no seu interior um controlo de volume com uma resolução de 0,5 dB por passo. É um verdadeiro tudo em um!

Claro que estas duas pérolas são acompanhadas por dois controlos remotos à altura dos pergaminhos: ergonómicos e com uma bela construção a partir de alumínio moldado. Já vi demasiados casos de equipamentos topo-de-gama em que parece que se esqueceram do controlo

remoto e colocaram à pressa na caixa a primeira coisa de plástico que tinham à mão, por isso fico satisfeito por constatar que temos aqui algo que foi pensado de origem como um projecto completo

Audições

Claro que os Pearl ingressaram no meu sistema como um conjunto, um par, uma vez que é assim que a Marantz considera que eles devem funcionar e, na realidade, quase 70% dos Pearl vendidos são-no exactamente deste modo. Assim sendo, lá se instalaram numa mesa Solid Steel um sobre o outro, sendo o cabo de interconexão o Kimber Select KS 1021 e os cabos de colunas os 1035, da mesma linha Select. Bom, e as colunas? Claro que eram as já bem conhecidas QUAD ELS 63 Pro. Numa concessão mais que «merecida», o SA-KI foi ligado à saída do condicionador de sector PS Audio P300, que faz parte do meu sistema

há alguns anos. A rotação foi relativamente rápida, embora tenha que reconhecer que o desempenho deste par KI ficou algo melhor depois de umas 40... 50 horas de audições. E poderei então começar a falar sobre o modo como decorreram as «hostilidades» mas, antes disso, gostaria de fazer algumas considerações prévias.

Depois de mais de um milhar de audições efectuadas ao longo de cerca de duas dezenas e meia de anos, como ser diferente e original? Esta é seguramente uma das perguntas a que tenho mais dificuldade em responder – um equipamento pode ser o mais entusiasmante possível e trazer-nos um prazer enorme de audição. Mas, se a verve não ajudar, nada feito. Felizmente os Pearl são tão inspiradores que, embora não jurando que este é o meu teste mais original, não há dúvida de que a inspiração da escrita apareceu de modo quase imediato.

De facto, não é todos os dias que nos deparamos com um par de equipamentos que nos dêem tanto prazer de audição. E, antes de entrar em detalhes, o que é que eu entendo por prazer de audição? Pois não há dúvida de que a música em si mexe com as nossas emoções: um bom trecho musical traz até ao nosso consciente (e seguramente ao inconsciente) um conjunto de sensações que mexem com os nossos centros de prazer. Mas, para que fiquem marcas profundas, é necessário que a qualidade da interpretação e, idealmente, também a qualidade de reprodução, estejam bem acima da média. Isto porque então se conjuga o *timing* de interpretação e entrada de cada intérprete com a correcção tímbrica, a extensão das notas, a reprodução das





harmônicas, e aí ficamos com um quadro quase perfeito na nossa frente. Mas, para que tal aconteça, é preciso que o pintor desse quadro, sempre uma cópia do original que foi a música gravada quando reproduzida pela primeira vez, seja realmente um bom pintor, ou seja, que a qualidade de reprodução dessa música esteja à altura desse tal original. E quem a reproduz? Pois neste caso são os dois Pearl que encantam os nossos ouvidos com os seus sons maviosos, quais mitológicas sereias que usam as suas vozes sedosas, mas aqui neste caso para nos levar a bom porto, não para nos desviar por maus caminhos. Porque, como diz a Marantz, a música conta/é importante (*Music matters*), e muito!

Mas não confundamos a suavidade da seda com sons demasiado melosos, tipo válvulas dos anos sessenta. Nada disso: os Pearl são claros e transparentes, extensos nos dois extremos de frequência, conseguem mesmo segurar umas colunas como as B&W Nautilus 802 sem qualquer problema, e fazendo-as reproduzir graves que outros conjuntos se sentirão atemorizados a

sequer almejar, quanto mais concretizá-los. Ouvi com os Pearl diversas faixas de alguns dos discos da coleção mono dos Beatles que foi remasterizada recentemente, e concluí uma vez mais que comprar este conjunto de discos foi uma das melhores decisões dos últimos tempos. Portanto, uma qualidade mais em favor desta proposta de Ken Ishiwata. Realmente, se o leitor anda na dúvida sobre se deve ou não comprar esta coleção de discos dos Beatles, não hesite mais. Temos aqui um trabalho notável feito sobre as fitas originais com todo o cuidado de um artista que recupera uma pintura de Miguel Ângelo e não se importa nada de demorar alguns anos em volta dessa obra. Pincelada por pincelada, o matiz tímbrico original foi recuperado com um esmero quase maníaco e re-ouvi clássicos dos *Quatro Cabeleiras do Após-Calypto* (mais um título de muito mau gosto em Português, embora concorde que não é fácil traduzir *Hard Day's Night...* e, também, sempre é bem melhor que *Os Reis do lê lê lê*, como os nossos parceiros brasileiros do malfadado acordo linguístico traduziram à época) como sinceramente nunca os tinha

ouvido. As vozes e os instrumentos tinham uma presença física que me fez andar alguns anos para trás e me convenceu mesmo a ir buscar o LP original do *Sargeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*, comprado há mais de 30 anos, para comparar. Apesar de o amplificador PM-KI ter uma bela entrada de gira-discos, de que falarei um pouco mais em seguida, o exemplar analógico não é competidor para o CD em mono. Claro que não me posso esquecer de que o LP já foi ouvido por umas largas dezenas de vezes e que daí resultou seguramente algum desgaste, por mais cuidado que se tenha com a limpeza e manuseamento. Mas a clareza e impacte dinâmico do CD está bem acima daquilo que se retira deste disco negro, e olhem que esta é uma afirmação me custa muito fazer, como adepto de há muitos anos do LP. Sim, vão por mim, se comprarem o conjunto optem pela versão mono, até porque podem comprar muitos dos discos estéreo isoladamente. Sinceramente tive igualmente algumas dúvidas iniciais mas acabei por escolher o conjunto em mono pela razão principal de as gravações originais dos

TESTE Marantz KI Pearl



discos nele contidos terem sido efectuadas em mono. Assim sendo, qualquer versão estéreo que daqui resulte é sempre resultado de manipulação em estúdio e em nada contribui para melhorar o som original. Ouçam e ficarão convencidos. Pode parecer um retrocesso ouvir música em mono nos tempos em que temos disponíveis os originais de alta resolução em toda a sua glória, mas temos aqui um caso muito especial e nada como ver para crer como S. Tomé.

Feito este destaque, falarei agora de uma ou outra audição que fiz, embora não possa de modo nenhum entrar numa descrição exaustiva, porque para isso ocuparia quase toda esta edição da *Audio & Cinema em Casa*. Uma das áreas de desempenho que gostaria de destacar nos dois Pearl é a reprodução de música de câmara, género de que ouvi diversos trechos e onde é possível depararmo-nos com camadas e camadas no palco espacial, que nos envolvem como que numa musselina auditiva que nos faz sentir perfeitamente como que na sala de audição mas, mais que isso, no melhor lugar dessa mesma sala.

Mas mal ficaria se não referisse que a reprodução de discos SACD por parte do SA-KI justifica perfeitamente a aposta que Ken fez de incluir a capacidade de leitura deste tipo de discos, embora o lançamento de SACD's

seja uma aposta que apenas tem significado completo no Japão, país onde o catálogo de SACD's é o maior de todo o mundo. Mas a Europa também não está nada mal neste campo, pois só no ano passado, pelos dados que tenho, se lançaram cerca de 500 SACD's no Velho Continente, muitos deles híbridos. E, para testar as capacidades de reprodução deste formato por parte do SA-KI, nada como ir buscar três discos que são as minhas referências: o por mim tanta vezes citado *Camomile*, de Emi Fujita, o *Stereo Sound Reference SACD*, da Exton, e um disco de demonstração da Sony, com Yo-Yo-Ma e Wynton Marsalis. Quer em obras sinfónicas, quer em música de câmara e pequenos grupos, muito em especial no piano, quer na extraordinária voz de Emi Fujita, ficaram bem patentes as marcantes qualidades de reprodução de SACD do SA-KI. Significa isto que o formato está presente neste leitor por direito próprio, o que fez com que os seus projectistas se esforçassem o máximo possível para que o seu desempenho sónico nesta área estivesse ao nível do que melhor se faz neste momento. A proverbial espacialidade do SACD era uma presença permanente, mas os graves saídos durante a reprodução da *Marcha Eslava*, de Tchaikovsky, fizeram com que o PM-KI tivesse que mostrar o que de melhor tinha. Com muita pena minha, que o teste já vai bem longo, vou ter que dedicar apenas



algumas linhas à reprodução de discos analógicos. Aqui entrou em campo o Basis Gold Debut, com braço SME V Gold e cabeça Benz LP. A saída da minha cabeça de giradiscos é de 280 microVolt, o que combina de maneira quase perfeita com a sensibilidade de entrada do prévio de *phono* do PM-KI. Não é, portanto, de estranhar que se tenham dado muito bem um com o outro, numa sã convivência que trouxe ao de cima um vasto conjunto de emoções e sensibilidades: toda a textura dos timbres mais quentes e perfumados das madeiras, as cordas percorridas pelos dedos ao longo do braço da guitarra, as vozes de primeiro plano e as colocadas mais atrás, tudo isto vinha até mim com uma perfeita naturalidade, como que embrulhado numa envolvente sonora que preservava a melhor parte de cada som – embora o PM-KI os tratasse sempre com um grande rigor, não deixava de nos mostrar que tinha um carácter sónico próprio e que a sedosidade a que já aludi é uma das suas características mais agradáveis. Nos tempos em que vemos, graças a Deus, tantos novos «convertidos» ao vinilo, tem todo o sentido lançar um amplificador assim.

Depois do teste estar quase terminado fiz algumas experiências recorrendo a cabos de

sector de construção caseira que tenho no meu *stock* para ligar o SA-KI: um que utiliza cabo de sector da van den Hul, outro que emprega um cabo de sector da Audioquest que já não se fabrica e foi em tempos utilizado no filtro de sector da *Audio*, outro que corresponde ao que é utilizado actualmente na última versão do citado filtro e que é construído com base no Kimber 8TC, complementado por um cabo de terra. Os resultados foram algo diferentes, como não podia deixar de ser, mas não os vou referir aqui todos. Basta deixar como conclusão que o melhor desempenho sónico, com sons mais arejados, abertos, graves profundos mas escorreitos e gama média clara e distinta, foi obtido com o Kimber 8TC. Claro que aquilo que não falta no mercado neste momento são cabos de sector, por isso o que daqui resulta como conselho é: com equipamentos deste calibre é quase um crime não se fazerem experiências com cabos de alimentação de diversos tipos até se encontrar o que, dentro do nosso sistema, potencia o seu desempenho.

Conclusão

Estes Pearl são sem dúvida o sublimar de uma forte dedicação de quase 50 anos ao gosto pela música. Ken Ishiwata nasceu em 1947 e desde os 8... 10 anos que se

começou a encantar com a interacção entre um equipamento electrónico e a música que através dele se podia ouvir. Daqui a 30 anos estes dois Pearl continuarão seguramente tão sólidos como o meu CD12 continua ao fim de 21 e serão propriedade de orgulhosos audiófilos que não se irão desfazer deles nem perante as ofertas mais generosas, tal o prazer que sentem não só em olhar para eles mas muito mais em ouvi-los. Objectos únicos, objectos que representam a dedicação de uma vida a um ideal, quem os puder comprar que os chame seus, mas rápido, antes que desapareçam todos. Não falei em preços, poderão comentar os mais atentos. E porquê? Porque neste caso isso é mesmo o menos importante: parafraseando a velha anedota anglo-saxónica, creio que originalmente adaptada pela Bentley, poderei dizer que quem está a perguntar o preço é porque não está muito interessado em comprar. Claro que há aqui um bocadinho (intencional) de exagero, mas são precisas mais palavras?

Preço Amplificador PM-KI: 2.999 €

Preço Leitor de CD/SACD SA-KI: 32.999 €

Representante: Videoacústica

Telefone: 21 424 17 70

Internet: www.videoacustica.pt